

PREPOSIÇÕES TRANSVERSAIS EM ARTIGO DE OPINIÃO

TRANSVERSAL PREPOSITIONS IN OPINION ARTICLES

Ednéia Aparecida Bernardineli Bernini

Universidade Estadual de Londrina
edneiaabbernini@hotmail.com

Ana Cristina Jaeger Hintze

Universidade Estadual de Maringá
anacristinahintze@yahoo.com.br

Tatiane Henrique Sousa-Machado,

Universidade Paranaense
tatiane@unipar.br

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo geral evidenciar por meio das análises do *corpus* selecionado - artigos de opinião do jornal Folha de São Paulo - como as preposições do eixo transversal contribuem para a organização discursiva, a partir da perspectiva da Descrição Funcional. Através de pesquisa quantitativo-qualitativa de cunho interpretativo, buscaremos verificar como essas preposições atuam na construção do texto (discursivização), bem como analisar a sintaticização dessas preposições no *corpus* eleito e os processos de semanticização. Das análises dos vinte e seis artigos selecionados, verificou-se que as preposições constroem sentidos, a partir de seu contexto e cotexto.

PALAVRAS-CHAVE: preposições; eixo transversal; língua portuguesa; descrição funcional.

ABSTRACT:

This paper aims to evidence by analyses of selected corpus – opinion articles from Folha de São Paulo Newspaper – how the prepositions of the transversal axle contribute to the discursive organization, from a Functional Description perspective. Through a quantitative-qualitative research, interpretative style, we will try to verify how these prepositions act in the construction of the text, as well as analyze the sintaticization of these prepositions in the elected corpus and the semanticization process. From the twenty-six analyses, we verified that the prepositions construct senses, based on context and cotext.

KEYWORDS: prepositions; transversal axle; Portuguese Language; functional description.

Introdução

A partir da perspectiva funcional de mudança linguística, com base no estudo das preposições do eixo transversal proposto por Ataliba T. de Castilho (2004, 2010), este texto apresenta uma análise funcionalista, indo além do que propõe e definem as gramaticais tradicionais. É, portanto, uma pesquisa quantitativa-qualitativa de cunho interpretativo, pois levantaremos a quantidade de ocorrências dessas preposições e realizaremos uma análise interpretativa dessas ocorrências.

Neste artigo, defende-se uma perspectiva funcionalista para explicar a semântica das preposições, baseada em categorias prototípicas. Leva-se em conta a contribuição de elementos pragmáticos e cognitivos na construção do significado, tomando-se como referência central a proposta de Castilho (2004 e 2010). Para isso, explora-se a maneira como o sentido básico – localizar no espaço e no tempo os termos que as preposições ligam – ocorre. Questiona-se, portanto, como as preposições contribuem para a organização discursiva?

Dentro de uma perspectiva cognitiva, leva-se em conta a percepção do usuário da língua sobre a realidade que o cerca. Nesse caso, o antecedente da preposição é mais saliente (a Figura) e desempenha uma função em relação ao seu complemento, menos saliente (o Fundo ou o Ponto de Referência), por isso, há entre eles uma relação assimétrica. Com base nesse pressuposto, o objetivo geral de nosso trabalho é: analisar as preposições transversais em artigos de opinião, considerando a perspectiva da Descrição Funcional e os objetivos específicos se desdobram em: i) analisar processos de semanticização de preposições do eixo transversal; ii) verificar como as preposições do eixo transversal atuam na construção do texto (discursivização) e iii) analisar a sintaticização das preposições do eixo transversal.

Para realização deste estudo, levantamos como pressuposto que as preposições são dotadas de sentido e conforme construções discursivas são muito mais que palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo relação entre ambos.

Primeiramente para fins de contextualização, apresentamos definições tradicionais de preposição e na sequência a definição funcional proposta por Castilho (2004, 2010). Com base nesse percurso, realizamos as análises, considerando excertos retirados dos artigos de opinião do período entre os dias

01 a treze de julho, do Jornal Folha de São Paulo, da coluna – Tendências e Debates, totalizando vinte e seis artigos.

1. Preposições

1.1. *Preposições sob a perspectiva tradicional*

É comum encontrarmos na maior parte das gramáticas a falta de referência ao aspecto semântico das preposições, como se elas fossem ‘vazias de sentido’, como se elas fossem utilizadas apenas para relacionar elementos dotados de sentido na sentença. Para confirmar isso, selecionamos algumas definições de gramáticos e lexicógrafos. De acordo com Cunha & Cintra, preposições são “palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente).” (1985, p. 542).

Para Napoleão Mendes de Almeida, as preposições são conectivos, pois desempenham função de ligação; “palavra invariável que tem por função ligar o complemento à palavra completada.” (1969, p. 306) E acrescenta: “(do lat. *prae* = diante de, mais *positionem* = posição) pelo fato de porem na frente de uma palavra outra que a completa.” (idem).

Para Bechara a preposição é

uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações. (BECHARA, 2009, p. 296).

Esse mesmo autor, em subitem ‘Preposição e significado’ destaca o papel semântico das preposições: “cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.” (BECHARA, 2009, p. 298). E acrescenta que “não se deve perder de vista que, na relação dos ‘significados’ das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação”. Constata-se neste autor, uma discussão mais ampla para essa classe gramatical, em relação aos outros gramáticos citados.

Essas definições mais tradicionais se mantêm em dicionários e obras lexicográficas como o verbete do Dicionário Aurélio, no qual encontramos: “palavra invariável que liga orações ou partes da oração, estabelecendo entre elas numerosas relações.” (2008, p. 651). Segundo Soares Amora “palavra invariável que liga dois termos, estabelecendo entre eles diferentes relações” (2009, p. 570-571). Para Silveira Bueno, “palavra invariável que liga partes da proposição dependentes uma das outras, estabelecendo entre elas diferentes relações” (2000, p. 621).

As gramáticas ainda apresentam as classificações em essenciais e acidentais, bem como as locuções preposicionais. O que não é destaque nas gramáticas é a mudança de sentido estabelecida, exatamente, pela seleção/escolha da preposição: correr ao sol, correr do sol; falar de você, falar com você, falar para você, por exemplo. Já uma definição funcionalista, vai além do que propõe a gramática normativa e isso será apresentado a seguir.

1.2. Preposições sob a perspectiva funcionalista

Por um viés funcionalista, as preposições desempenham funções, indo além de suas propriedades puramente estruturais, de acordo com Ataliba T. de Castilho (2010, p. 583) “cada preposição tem um sentido de base, de localização espacial ou temporal”, logo é inaceitável a explicação de ‘sentido vazio’.

De acordo com Castilho, as preposições integram a classe dos nexos gramaticais, ligam palavras e sentenças e em seus usos prototípicos posicionam no espaço os referentes dos termos que relacionam. Para este autor,

Tanto as preposições simples quanto as preposições complexas (ou ‘locuções prepositivas’) podem ser consideradas operadores que realizam uma ligação assimétrica entre um objeto A1, [denominado por ele de Figura], e um objeto B [Fundo], com relação ao qual pretendemos localizar A. (CASTILHO, 2004, p.12)

Essa localização de objetos, que funciona de forma assimétrica, e sua inserção no Espaço são mecanismos básicos na construção dos sentidos, que operam também com outras categorias cognitivas como Visão, Movimento. Para Castilho, “arranjos espaciais são igualmente criados quando um verbo se associa à preposição para relacionar a FIGURA ao FUNDO, tratados então como Origem, Meta, Recipiente, etc.”¹ (CASTILHO, 2004, p. 12). Por sua vez

¹ Figura: informação mais importante veiculada pela sentença, expressa pelos argumentos internos; corresponde ao termo antecedente nas gramáticas tradicionais; Fundo (ou Ponto de referência): informação sentencial secundária, veiculada pelos adjuntos; corresponde a consequente.

Castilho (2010, p. 584-585) substitui o termo Fundo por Ponto de Referência. De acordo com esse mesmo autor (*on line*, p. 9), “É assimétrica a relação entre o objeto que queremos localizar e o ambiente em que vamos localizá-lo, dadas suas diferenças de tamanho, conteúdo, orientação, ordem, direção, distância, movimento ou até mesmo dada a combinação dessas propriedades.” Para Figura e Fundo, Oliveira (2010) nomina de Trajetor e Marco. Para esta autora a comprovação dessa assimetria “está no fato de o marco ser normalmente maior que o trajetor” (OLIVEIRA, 2010, p. 69) e “o marco serve de referência para a localização do trajetor” (idem: 70), e o “controle do trajetor pelo marco” (p.71) como forma de inclusão e contenção.

Castilho (2010, p. 583) apresenta as três funções das preposições: “função sintática: ligação de palavras e de sentenças”; “função semântica: atribuição ao seu escopo de um sentido geral de localização no espaço” e “função discursiva: acréscimo de informações secundárias ao texto e organização do texto, no caso das construções de tópico preposicionado”.

Seguindo um critério semântico, Castilho propõe a distribuição das preposições em cinco eixos espaciais, em função de seus sentidos de base: Preposições do eixo Horizontal (origem/meta); Preposições do eixo Vertical (inferior/superior); Preposições do eixo Transversal (anterior/posterior); Preposições do eixo Continente ~ Conteúdo e Preposições do eixo Proximidade ~ Distância. Para este trabalho nos deteremos às preposições do eixo Transversal, subdivididas em: **Anterior**: *ante, diante de, antes de, em frente de, em face de, defronte de/a, à frente de*; e **Posterior**: *atrás de, por trás de, após, depois de, em pós de*.

Ao estudar as preposições indicativas de espaço transversal e a **Lexicalização** (processo de criação de itens lexicais a partir de um conjunto de categorias e subcategorias cognitivas prévias à enunciação), Castilho observou em sua pesquisa uma frequência maior das preposições que apresentam o traço /+Anterior/ em relação à /+Posterior/, 79% e 21% respectivamente. Ao comparar diacronicamente a produtividade de preposições simples diante das complexas (locuções prepositivas), e a ocorrência de alguma mudança do século XIX para o século XX, constatou que as preposições /+Anterior/ também prevalecem sobre as /+Posterior/. Outra questão diacrônica é o possível desaparecimento das preposições *ante* e *perante*, contrariando a previsão de que a forma regramaticalizada *perante* pudesse substituir *ante*, como ocorreu com a preposição *para* em relação à *a*.

Em relação à **Semanticização** (processo de criação, alteração e categorização dos sentidos), concernente às preposições, Castilho questiona a criação e as alterações de sentido a partir de categorias cognitivas de base. Questiona ainda

se as preposições “seriam completamente vazias de sentido e a semântica das expressões preposicionadas decorreria dos termos que elas relacionam” (2004, p. 20). Em função disso, hipotetiza que as preposições “têm um sentido prototípico, dado pelas categorias e subcategorias cognitivas, que se desdobram por processos vários em traços semânticos derivados”. (CASTILHO, 2004, p.20). E acrescenta que: “Os sentidos prototípicos das preposições correspondem às categorias semântico-cognitivas de POSIÇÃO NO ESPAÇO, DESLOCAMENTO NO ESPAÇO, DISTÂNCIA NO ESPAÇO e MOVIMENTO.” (idem, p. 20) e se detém a Categoria Semântica – “Eixo Transversal”, derivada da Categoria Cognitiva – “Posição no Espaço”, derivada ainda da Categoria cognitiva de Base – “Espaço”. Adverte, porém, que seria ingênuo supor que as preposições representem fielmente os eixos espaciais propostos por ele, pois a criatividade humana intervém de diferentes modos, “promovendo alterações nos sentidos prototípicos.” (idem, p. 21), mesmo que as preposições do eixo transversal preservem “com maior ou menos vigor o valor prototípico de ESPAÇO” (idem, op. cit) sejam elas para denotar o Espaço Anterior ou Espaço Posterior.

A partir dessa explanação, Castilho passa a apresentar e analisar as ocorrências das preposições em relação ao Espaço Anterior. As primeiras preposições são *ante* e *perante* sendo que elas preservam seu valor prototípico quando o Fundo foi lexicalizado por Objeto, Concreto ou Abstrato. Já em relação à preposição complexa *antes de*, ocorre alteração de sentido quando passamos de Espaço Anterior para Tempo Anterior: “Quando o dispositivo sociocognitivo desativa na preposição complexa *antes de* seu sentido prototípico de ESPAÇO ANTERIOR, ele ativa ao mesmo tempo o sentido de TEMPO ANTERIOR atribuído à FIGURA” (CASTILHO, 2004, p. 22-23). Outra alteração de sentido ocorre quando o Fundo for lexicalizado por um Evento. Para este autor, um objeto se desloca no Espaço e, ao fazê-lo, vai ocupando diferentes pontos na linha do Tempo ou ainda com característica modal, como ocorreu com *em face de*. Assim, propõe uma escala ESPAÇO > TEMPO > CAUSA > MODO. A presença dessas bases de sentido será analisada em nosso *corpus* de pesquisa.

No que se referem às preposições que denotam Espaço Posterior (*depois de*, por exemplo), elas sofrem processos idênticos de semanticização. Além dos casos em que se preservou o sentido etimológico e cognitivo de base, em que Figura e Fundo sejam Objetos, há ainda casos em que se ativa Tempo e se desativa Espaço Posterior se Figura e Fundo forem expressões temporais ou se Fundo for um Evento.

Em outro trabalho Castilho (2007b, p. 106) justifica por que é dada prioridade cognitiva ao Espaço: “Porque o espaço é uma experiência humana primor-

dial, na qual convergem (i) a percepção da capacidade de movimento corporal e (ii) a percepção das coisas que rodeiam o ser humano como entidades únicas.”

Quanto à **Discursivização** (processo de criação do texto; um conjunto de atividades de negociação conversacional em que se envolvem o locutor e o interlocutor), a preservação das categorias Espaço (ou Lugar) e Tempo “concorrem para o funcionamento das preposições no eixo transversal como Construções de Tópico, desativando-se o valor de lugar físico e de tempo cronológico, ativando-se significações tais como ‘espaço do discurso’, ‘tempo do discurso’ (CASTILHO, 2004, p. 28), como, por exemplo, em: “**Ante** tão amorosas palavras, e diante das explicações, não me cabe fazer nada além de acatar seu pedido”. Se o produto da discursivização é o texto, o autor sugere um estudo das preposições na organização do texto para verificar se elas atuam como: introdução do tópico discursivo; agregação de informação secundária; determinação – indeterminação; impessoalização do tópico; articulação do texto. As preposições /+Posterior/ (*depois*, por exemplo) são mais comuns como conectivos textuais, funcionando como sequenciador do discurso. Além disso, segundo Castilho, “a grande quantidade de adjuntos adverbiais constituídos por essas preposições mostram que seu papel discursivo mais importante é o de agregar informações secundárias à estrutura tópica”, o que se caracteriza como uma gramaticalização.

Castilho (2004, p. 30) propõe uma escala de **Gramaticalização**: Preposições mais gramaticalizadas: *de, em, a, para, com, por*; medianamente gramaticalizadas: *sem, sob, sobre, até, entre, contra, desde, após*; menos gramaticalizadas: *ante, perante, durante, exceto, salvante, salvo, conforme, trás, segundo*. Essa escala vai dos itens mais frequentes e com maior amplitude sintática, para os itens menos frequentes, de menor amplitude sintática.

A gramaticalização se divide em três subprocessos que ocorrem simultaneamente, sem hierarquia entre eles: fonologização, que são alterações no corpo fônico das palavras, como ocorreu em *facie > face; de+post > depois*; morfologização, alterações que afetam o radical e os afixos; sintaticização, alterações que afetam os arranjos sintagmático e sentencial, as preposições introduzem argumentos selecionados pelo predicador e adjuntos. De acordo com Castilho, a preposição *ante* “introduz argumento interno oblíquo e adjuntos adverbiais de lugar, tempo e qualidade, distanciando-se um pouco das outras preposições do mesmo eixo.” (CASTILHO, 2006, p. 511). Estudando a **Sintaticização** das preposições do eixo transversal, Castilho diagnosticou que elas “desempenham as funções de argumento e adjunto adverbial, com larga predominância desta última função” (2004, p. 31).

Diante das contribuições dos estudos de Castilho (2004, 2006, 2010, dentre outros) que considera a existência de sentidos prototípicos às categorias semântico-cognitivas de posição de espaço, deslocamento, distância e movimento; descrevendo-se a categoria espaço nos eixos horizontal, vertical e transversal, contudo, no presente estudo, dedicamos a analisar o deslocamento de sentido prototípico das preposições do eixo transversal entre usos mais concretos em direção a usos mais abstratos.

2. Análise das preposições transversais em artigos de opinião

A partir de nossos objetivos, passaremos à análise do *corpus* selecionado, conforme levantamento das preposições do eixo transversal em artigos de opinião². Partiu-se para tanto das contribuições teóricas de Hilla (2008) e Rodrigues (2005) acerca da constituição do gênero discursivo estudado. Segundo Bräkling (2000, p.226), o artigo de opinião parte de uma questão controversa, acrescentando que:

(...) é um gênero de discurso em que se busca convencer o outro de uma determinada ideia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes. É um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações realizadas, por meio da apresentação de dados consistentes, que possam convencer o interlocutor. (BRÄKLING, apud HILA, 2008, p.5)³

Além disso, conforme Hilla (2008) e Rodrigues (2005) o horizonte temático do artigo de opinião orienta-se por meio da seleção de expressões valorativas acerca de acontecimentos sociais. Nesse contexto, cabe ao jornalista, selecionar, interpretar e escolher fatos, lidando com a linguagem como articulista (RODRIGUES, 2005).

Na organização composicional do artigo de opinião cabe ao autor articular vozes, aproximar-se de algumas e distanciar-se de outras, organizando vozes, recorrendo a modalizadores, operadores argumentativos (RODRIGUES, 2005).

² O corpus analisado foi constituído de vinte e seis artigos de opinião, da coluna Tendências e Debates do Jornal Folha de São Paulo, do dia 01 a 13 de julho de 2012. Diariamente, são publicados dois artigos de diferentes autores. Esses artigos completos estão disponíveis no site <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio>

³ BRÄKLING, K. L. Trabalhando com o artigo de opinião: revisitando o eu no exercício da palavra do outro. In: ROJO, R.(Org.) A prática da linguagem na sala de aula: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2000, p.221-247.

Vale destacar que não é objetivo do presente estudo apresentar as especificidades discursivas desse gênero em foco, mas sim, demonstrar como as preposições do eixo transversal, por meio dos processos de gramaticalização contribuem para a articulação argumentativa do artigo de opinião.

Para este trabalho nos deteremos às preposições do eixo transversal, conforme Castilho (2004 e 2010), subdivididas em: **Anterior**: ante, diante (de), antes de, em frente de, em face de, defronte (de/a), à frente de, perante; e **Posterior**: trás, atrás de, por trás de, após, depois de, em pós de. As preposições desse eixo também representam o Espaço “tomando por referência a orientação do corpo humano: olhando para frente se constrói o Espaço Anterior, olhando para trás se constrói o Espaço posterior” (CASTILHO, 2010, p. 601) e acrescenta que valores temporais de futuro e passado derivam disso. “À nossa frente, miramos o futuro. Às nossas costas, o passado” (idem). Para Batoréo

O Futuro é conceptualizado como o que vai acontecer *depois* do momento presente, isto é, mais *à frente* (=à *direita*) no eixo da representação temporal – concebido e visualizado como uma linha horizontal que percorre da Esquerda para a Direita -, enquanto o Passado, pelo contrário, é representado como o que aconteceu *antes*, isto é, mais *atrás* no eixo temporal (=à *esquerda*). (destaques da autora). (BATORÉO, 2000, p.536)

De acordo com levantamento, a maioria das preposições do eixo transversal presente nos artigos de opinião analisados são /Anterior/ - 10 ocorrências contra 7 do eixo transversal /Posterior/, não sendo uma diferença tão significativa, mas confirmando o que Castilho já observara “os objetos localizados no espaço diante dos olhos têm mais relevância cognitiva do que aqueles localizados às costas” (CASTILHO, 2004, p. 18). Provavelmente, essa diferença não tenha sido tão significativa, em função da característica do gênero textual em análise: apresentar “questões polêmicas, controversas, normalmente surgidas a partir de um fato acontecido e noticiado.” (HILA, 2008, p. 5).

Em relação às ocorrências de preposições simples diante das preposições complexas (locuções prepositivas), definida por Castilho (2010, p. 588) como “um advérbio ou um substantivo antecedido opcionalmente por certas preposições e seguidos obrigatoriamente pelas preposições *de* ou *a*.”, os resultados de nosso *corpus* mostram que as ocorrências das preposições complexas prevalecem sobre as simples: 13 ocorrências de complexas contra 4 de simples, evidenciando na amostra desse gênero,

artigo de opinião, maior gramaticalização das preposições complexas sobre as simples.

Em relação à preposição *ante*, Poggio afirma que no latim “houve um processo de recategorização sintática, quando a forma adverbial *ante* foi empregada como preposição, passando, assim, à outra classe gramatical” (2002, p. 165) como advérbio. Acrescenta que houve outras formas de alargamento da significação de *ante*, tanto no latim quanto em português.

Das ocorrências da preposição complexa *antes de*, diagnosticamos que três delas introduzem Tempo:

(1) Para curtir a peça, tivemos de sair cedo: o teatro Alfa fica muito longe do nosso mundinho, o trânsito das 19h30 estava bravo e precisávamos chegar **antes das** 21 horas, para tentar evitar congestionamento na hora de entregar o carro ao serviço de valets da Estapar. (10/07)

(2) O que os jornais não podiam era ser contra São Paulo. Um jornal tenentista, que apoiava o governante então provisório, Getúlio Vargas, teve sua sede destruída **pouco antes do** 9 de julho. (09/07)

(3) Será difícil, porém, agradar as mulheres mantendo o sexo feminino excluído da hierarquia eclesiástica. Será difícil atrair jovens proibindo o sexo **antes do** matrimônio. (06/07)

No exemplo (2), há a presença de um Intensificador dessa preposição complexa – **pouco** antes do. Há uma ocorrência da preposição *antes de* com Especificador de focalização Anterior: “Não é difícil entender por que a imprensa paulista agia assim. Se os jornais escolheram mobilizar em vez de informar, é porque haviam vestido farda **bem antes da** deflagração do conflito.” (09/07) introduzindo um Evento – o “conflito”. Já em “Mas não é por eu estar sendo ameaçada que irei parar de trabalhar ou pensar **duas vezes antes de** uma decisão.” (13/07) há um Especificador de Graduação, introduzindo também um Evento – a “decisão”.

Considerando que *antes*, assim como *anteriormente*, derivaram de *ante* – advérbio latino – encontramos ocorrências com esse valor semântico:

(4) No Brasil, escolas privadas e centenas de escolas públicas alfabetizam aos seis anos **-antes** no terceiro período da pré-escola, **agora** no primeiro ano do ensino fundamental. No plano internacional, todos os países com o sistema alfabético de escrita alfabetizam seus alunos no primeiro ano da escola formal. (12/07)

(5) **Agora**, são de submissão obrigatória apenas operações cujas partes ou grupos econômicos possuam faturamentos brutos equivalentes ou superiores a R\$ 750 milhões, de um lado, e R\$ 75 milhões, do outro--**antes**, os valores eram respectivamente R\$ 400 milhões e R\$ 30 milhões. (08/07)

Ambos relacionam dois tempos: ‘antes’ e ‘agora’. Outro exemplo com o advérbio *antes* relaciona gradação temporal estabelecida pelos dois advérbios em destaque: “Há um comportamento nitidamente ideológico de juízes da Suprema Corte e de ministros do STF em pronunciamentos públicos, **antes** raros e **a cada dia** mais frequentes, sobre temas da pauta política e às vezes até mesmo sobre o conteúdo de processos que ainda vão ser julgados por eles mesmos.” (01/07).

Há um exemplo com *antes*, com função de conjunção subordinativa temporal: “Emergiu ainda trazendo na ponta do bico o peixinho que tinha acabado de apanhar. Vi seu brilho, **antes de** ser engolido. E o pinguim tornou a mergulhar, nadando de um lado para outro com uma rapidez espantosa.” (10/07).

Encontramos no material em análise uma ocorrência de *diante de* que é uma regramaticalização de *ante* > *antes* >. Segundo Poggio (2002, p. 166) essa preposição passou por dois processos de morfologização: “o primeiro, ao se fundirem *de* e *ante*, obteve-se uma forma simples (*diante*), enquanto o segundo encontra-se num estágio intermediário, que é o da formação da locução *diante de*”; com preposições que denotam Espaço Anterior tendo como Fundo um Objeto Concreto, mas com valor metonímico: “No Brasil, a pedagogia da alfabetização ficou paralisada desde a década de 1970. Jogamos fora o bebê e a água do banho. Paramos de formar professores alfabetizadores, paramos de alfabetizar as crianças, tudo em nome de uma ideologia que afirma que o aluno é um Champollion **diante da** pedra de Roseta, capaz de descobrir por si mesmo o código alfabético.” (12/07).

Também com valor metafórico e metonímico, temos: “Por cinco décadas, é provável que ele tenha acordado todos os dias e se levantado da cama para viver em favor de si mesmo, de alguém ou de uma causa. O amanhã aparecia luminoso **diante de** seus olhos, incentivando-o a moldar seu presente e seu futuro.” (04/07) pois há um valor abstrato em “diante de seus olhos” com o sentido figurado de razão. Para Poggio “Expressões metafóricas na linguagem diária podem introduzir as pessoas na natureza metafórica dos conceitos que estruturam as atividades diárias” (2002, p. 270).

Há mais três ocorrências com Fundo Abstrato, com destaque para o segundo exemplo, pois o fundo é lexicalizado por um Evento: o “conflito”.

(6) Cada homem, mulher, criança ou adolescente foi levado à rua por uma razão distinta. Só há possibilidade de inclusão **diante dessa** compreensão e emprego de esforços, recursos e ideias novas para não padronizar atendimentos. Não há solução total e nem deve haver prática totalitária. (12/07)

(7) O que foi diferente, isto sim, foi seu algoz. Em geral, a verdade sucumbe **diante do** conflito de versões dificilmente verificáveis pela imprensa. No caso da chamada Revolução Constitucionalista, no entanto, foi da própria imprensa que partiram os disparos que atingiram a verdade. (09/07)

(8) Contudo, não devemos ficar estarecidos e paralisados **diante do** fato consumado. (03/07)

Castilho (2010, p. 590) afirma que se tem admitido que algumas preposições estão em processo de substituição no Português Brasileiro e de acordo com ele, *ante* estaria em processo de desaparecimento, sendo substituída pela preposição complexa *diante de*. Em nosso material, houve apenas a ocorrência de *diante de* (cinco ocorrências) e nenhuma de *ante* confirmando esse indício.

A preposição *trás* deriva de *trans* indicando espaço /transversal posterior/, já *atrás* deriva de *ad + trans* ocorrendo em forma de preposição complexa como em: “Ficamos chocados. Afinal, amar o próximo não é crime aqui e nem qualquer outro lugar do mundo. Fomos **atrás de** mais informações, pois até agora não recebemos nenhum informativo ou comunicado oficial.” (07/07) e em forma de pronome-advérbio em: “A decisão desta vez foi do prefeito Gilberto Kassab. Pressionado pela sociedade e pela mobilização nas redes sociais, voltou **atrás** e desautorizou o secretário Edsom Ortega.” (07/07). Temos uma ocorrência também de *trás* com função dêitica, classificado, portanto, como pronome e não como preposição, marcando essa posição posterior em relação ao discurso: “Existia até uma certa rejeição. Uma brincadeira comum entre os meninos era dizer que ‘quem chegar por último é mulher do padre’ -e era grande o esforço para não ficar para **trás**.” (06/07).

Pós deriva de *post* e *após* é uma regramaticalização de *pós e depois* é uma nova regramaticalização da mesma base *post* e em nosso material apresenta-se em forma de preposições simples e complexas:

(9) **Depois de** dois anos em situação de rua, são praticamente irresgatáveis pelos métodos já experimentados as pessoas que os doutores querem ver depositadas em albergues. (12/07)

(10) O cientista político Arend Lijphart, em seu livro “Democracies”, de 1984, detectou, em todo o mundo, apenas 20 países em que não houvera ruptura institucional **depois da** Segunda Guerra. (05/07)

Esse conselho escolhe, **após** rigoroso processo internacional de busca e seleção, o reitor da universidade. (11/07)

(11) (Sim, Auschwitz 1 e Theresienstadt continuariam a funcionar por alguns anos **após** a guerra, com outros inquilinos e sob nova direção.) (08/07)

(12) Alguns dias **após** o encontro do ex-presidente Lula com o deputado Paulo Maluf, nos jardins da mansão da rua Costa Rica, na capital, para selar o apoio do PP a Fernando Haddad, candidato a prefeito de São Paulo pelo PT, você já deve ter se perguntado: por que um fato habitual na nossa vida política, a aliança entre partidos com origens, projetos e compromissos antagônicos, causou tanta perplexidade e indignação da maioria dos brasileiros? (03/07)

(13) O menino Pavlik Morozov foi premiado pelo estado totalitário por promover a delação de seu pai. Ganhou do regime uma estátua em troca da ajuda. Seu pai morreu num gulag. É desnecessário descrever aqui o grau de desconstrução atingido pela sociedade soviética **após** anos de vigência de tal modelo totalitário de justiça criminal. (01/07)

Em relação à preposição complexa *depois de*, os exemplos citados introduzem tempo posterior: “**Depois de** dois anos” e “**depois da** Segunda Guerra” e o último exemplo de *após* também exerce essa função, introduzir Tempo: “É desnecessário descrever aqui o grau de desconstrução atingido pela sociedade soviética **após** anos de vigência de tal modelo totalitário de justiça criminal.”. Em relação ao primeiro exemplo com a preposição *após*, essa introduz um Evento: “**após** rigoroso processo internacional”, enquanto os outros dois introduzem Tempo, mas diferente do exemplo já citado, pois estes relacionam dois tempos – um anterior e outro posterior: “funcionar por alguns anos **após** a guerra,” e “Alguns dias **após** o encontro do ex-presidente Lula”.

Ainda em relação a *depois*, em nosso *corpus* há duas ocorrências em que funcionam como conjunção subordinativa, ambos com base semântica temporal.

(14) É bom que as autoridades políticas falem em alfabetização na idade certa. Pelo menos começam a falar do problema, **depois de** ter torrado bilhões em programas ineficazes de alfabetização de adultos. (12/07)

(15) ‘É letra morta?’, perguntou-se **depois que** a Lei de Acesso à Informação entrou em vigor. (02/07),

Castilho (2010, p. 603) destaca entre essas preposições a preferência na língua culta pelo uso de *depois*. Também em relação a essas duas preposições, Castilho (2010, p. 590) apresenta como o provável desaparecimento de *após* sendo substituído por *depois de*. No entanto, em nosso material, se considerarmos apenas as preposições há um maior número de ocorrências (quatro) de *após* e menor número de *depois de* (duas), contrariando as proposições de Castilho.

Na análise referente à utilização das preposições na organização do texto (discursivização), destacamos dois exemplos em que as preposições *antes* e *depois* funcionam como sequenciador do discurso. Funcionam, portanto, como construções de tópico, desativando o valor de lugar físico e de tempo cronológico, ativando outras significações como nos exemplos a seguir, em que no primeiro caso ativa-se o Espaço do discurso e no segundo, o Tempo do discurso:

(16) Daí, a lógica do artigo 20 do Tratado de Assunção, **antes** mencionado, que é constitutivo do Mercosul e dele inseparável. (04/07)

(17) Primeiro, bombas demolidoras de alta potência removeriam telhados, portas e janelas. **Depois**, correntes de ar e línguas de fogo geradas por explosões de 200 mil bombas incendiárias fariam passar um hálito do inferno por dentro das edificações esburacadas. (...) (08/07)

Outro caso de pronome-advérbio, encontramos em:

(18) A segunda leva de bombardeiros ingleses atacaria três horas **depois**, com intenção astuta de desorganizar as operações de bombeiros e ampliar o incêndio.” (08/07)

Percebe-se no enunciado supracitado que há maior gramaticalização de *depois* em função de seu sentido semântico ser maior em relação à temporalidade - **três horas depois**.

Nem todas as preposições do eixo transversal foram produtivas em nosso corpus. Não há ocorrências de preposições como as do Eixo Anterior: *ante*, *em frente de*, *em face de*, *defronte (de/a)*, *à frente de*, *perante* e do Eixo Posterior: *por trás de*, *em pós de*. Sobre essa menor ocorrência, Castilho (2010) já alertara sobre a menor produtividade no português culto falado no Brasil de preposições que dispõem da base *fronte*, por exemplo, o que se comprovou em

nosso material escrito. Castilho (2010, p. 602) adverte ainda que o substantivo *frente* gramaticalizado como preposição é de uso escasso, figurando ou como adverbial ou como preposição complexa; também no *corpus* em análise, não apareceram preposições (*em*) (*a*) *frente* (*de*) (*a*).

Considerações finais

O valor prototípico das preposições do Eixo Transversal Anterior e Posterior é de base Espacial e Temporal, mas em função da característica do gênero textual em análise: articulação de vozes (concordantes ou discordantes) acerca de um acontecimento, bem como articulação discursiva a fim de conduzir a argumentação. Podem-se observar as ocorrências de preposições de base temporal, dado ao caráter abstrato de textos opinativos, em que estão presentes discussão de ideias e, em função do conteúdo, não ocorreu qualquer preposição com acepção espacial. Isso confirma o que Castilho afirmou: “Liga-se a este eixo [transversal] a categoria de Tempo, associando-se imagetivamente ao Futuro o espaço à nossa frente, para o qual nos dirigimos, e ao Passado o espaço posterior, do qual nos afastamos.” (2010, p. 586).

A ocorrência e a ausência das preposições em análise mostram um certo percurso constitutivo do gênero Artigo de Opinião – contexto em que essas preposições se inserem. Além disso, as ocorrências são bem maiores para a utilização de preposição introdutora de substantivos abstratos, com valor de Tempo abstrato, de Evento, bem como para introduzir construções de tópicos; ratificando a abstração desse gênero discursivo, confirmando também o percurso de gramaticalização dessas preposições

Como pudemos perceber, assim como na origem dessas classes, dessas categorias, algumas classes de palavras transitavam entre si, o mesmo se deu nas ocorrências em análise com *antes*, *depois*, *atrás*, em que ora aparecem com função de preposição, ora como conjunção, ora como advérbio, usos possibilitados pela língua no discurso. Poggio (2002, p. 247) confirma isso “no que se refere à forma latina, observa-se que o advérbio *post* foi recategorizado como preposição” e acrescenta que “as formas *após*, *depós/depois* e *empós* são usadas como advérbios, desde o século XIII; houve um processo de recategorização sintática, seguido de ampliação de sentido, quando esses advérbios passaram a ser empregados como preposições” (idem). Por conseguinte, o presente estudo confirma os achados dos estudos de Poggio (2002).

A língua é um sistema dinâmico que muda de acordo com as necessidades e a criatividade de seus falantes. Os mecanismos de criação linguística que

servem a essa dinamicidade podem ser diversos. Como exemplo, encontramos o uso de preposições, mesmo que desconsiderados pela gramática normativa, tradicional, mas estudadas pelos funcionalistas.

Apresentamos a perspectiva defendida por Castilho (2004 e 2010) que trabalha com a ideia de que as preposições têm um sentido prototípico que corresponde às categorias semântico-cognitivas de posição no espaço, deslocamento, distância e movimento, sendo que a categoria espaço pode ser descrita nos eixos horizontal, vertical e transversal. Com o uso, no entanto, tal sentido prototípico se modifica, tornando-se mais abstrato. Assim, por exemplo, o sentido prototípico da preposição *antes* é o de expressar Espaço, mas em nosso *corpus*, essa preposição aparece para expressar Tempo e, inclusive, é usada para a construção de tópico.

Nossa análise destacou que as preposições não são um conjunto de itens lexicais estáticos, vazios de sentido, mas apresentam um caráter dinâmico, multifuncional, motivados pelo contexto de uso e pelo cotexto, proporcionado, em nosso caso pelo gênero artigo de opinião.

Referências

- ALMEIDA, N.M. de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 22ª ed. São Paulo: Saraiva, 1969.
- BATORÉO, H. J. *Expressão do Espaço no Português Europeu – Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*. Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Ministério da Ciência e Tecnologia. Coimbra, 2000.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BUENO, S. *Minidicionário da língua portuguesa*. Ed. Ver. E atual. São Paulo: FTD, 2000.
- CASTILHO, A.T. de. Língua falada e gramaticalização. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*. Vol. 1. 1997, p. 107-120 Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/index.php?option=com_content&view=article&id=208&Itemid=29> Acesso em: 11 julho 2012.
- _____. Diacronia das preposições do eixo transversal no português brasileiro. In. NEGRI, L.; FOLTRAN, M.J.; OLIVEIRA, R.P. de (Orgs). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 11-47.

- _____. *Mudança linguística multissistêmica*. Coletânea de trabalhos apresentados no XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia, 2006. p. 505-518. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_510.pdf> Acesso em: 09 julho 2012.
- _____. Abordagem da língua como um sistema complexo: contribuições para uma linguística histórica. In: CASTILHO, A.T. et. al. (Orgs). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo: Fapesp. Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 329- 360.
- _____. Fundamentos Teóricos da Gramática do Português Culto Falado no Brasil: sobre o Segundo Volume, Classes de Palavras e as Construções Gramaticais. *Revista Alfa*, São Paulo, 51 (1): 99-135, 2007b. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1428/1129>> Acesso em: 12 julho 2012.
- _____. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 583-610.
- _____. *Proposta funcionalista de mudança linguística*. p. 01-32. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/ATCastilho001.pdf>> Acesso em: 11 julho 2012.
- CUNHA, C.; CINTRA, L.F.L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª ed. 24ª impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.
- FERREIRA, A.B.H. *Mini Aurélio – o dicionário da Língua Portuguesa*; coordenação de edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos, 7ª ed.- Curitiba-PR: Positivo. 2008.
- HILA, C. V. D. O gênero artigo de opinião: diagnóstico e intervenção na formação inicial de professores de português. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 47(1), jan/jun, 2008, p. 183-201.
- NEVES, M.H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, A. de A. *Cognição e Pragmática na Semântica de Preposições Espaciais*. *Revista Gláuks* v. 10 n. 1. 2010 59-81. Disponível em: <<http://www.revista-glauks.ufv.br/artigo/44>> Acesso em: 09 julho 2012.
- POGGIO, R. M. G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.

- RODRIGUES, R.H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.152-183
- SOARES AMORA. *Minidicionário da língua portuguesa*. 19ed. 4ª tiragem. São Paulo: Saraiva, 2009.
- VIEIRA, M.J.B.; Variação das preposições em verbos de movimento. *Revista Signum*: Londrina-PR, v. 12, n. 1, p. 423-445, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4203>> Acesso em: 11 julho 2012.

Recebido em 20 de fevereiro de 2017.

Aceito em 10 de abril de 2017.